

A importância da manutenção da Copel Telecom como empresa pública

Outubro de 2020

A importância da manutenção da Copel Telecom como empresa pública

A Copel Telecom atua no segmento de telecomunicações desde o ano de 1998, oferecendo a mais alta tecnologia para empresas, poderes públicos e também no varejo para clientes residenciais de 85 municípios, por meio da suas redes de fibra ótica que formam um *Backbone* (“espinha dorsal ou núcleo da rede”) de 36,1 mil km, transportando dados em ultravelocidade e gerencia um anel óptico que atende com segurança aos 399 municípios do Paraná para clientes de todos os portes, com serviços variados (transporte de dados, voz e datacenter). Além disso, a empresa fornece link de dados para aproximadamente 2,2 mil escolas da rede estadual de educação.

Possui participação de 22% no mercado de fibra ótica (praticamente o dobro do segundo colocado), onde é líder, e de 12% no mercado geral de banda larga fixa. Possui cerca de 300 mil clientes, reconhecida como a melhor operadora de banda larga do Brasil, conforme Pesquisa de Satisfação e Qualidade Percebida da ANATEL.

Em abril de 2019 o governo do Estado anunciou a privatização da Copel Telecom, o processo de venda se iniciou em julho do ano passado, prevendo algumas etapas até a sua concretização. O processo é chamado pelo Grupo Copel, como sendo um processo de “desinvestimento” de 100% de sua participação na Copel Telecom, o leilão de venda da companhia será realizado no dia 09 de novembro de 2020 na B3 (Brasil, Bolsa, Balcão), o preço mínimo foi fixado em R\$ 1,4 bilhão. Ainda que o termo utilizado pela Copel seja desinvestimento, precisamos deixar claro que se trata efetivamente de um processo de privatização, no qual o grupo irá se desfazer de seus ativos estratégicos na área de telecom.

Devemos destacar ainda que o processo de privatização da Copel Telecom, deveria estar ocorrendo com uma maior participação da sociedade paranaense, a principal parte interessada e que também será impactada pela ocorrência da privatização. Todavia, notamos que o processo ocorre com poucos debates, com a realização de apenas uma audiência pública no dia 19 de agosto, que foi virtual. Observamos que as manifestações, sugestões e críticas realizadas por entidades como os sindicatos que representam os trabalhadores da empresa tem tido pouca ressonância, principalmente nos meios de comunicações, nos quais prevalece à visão única preconizada pela empresa e por setores favoráveis a privatização, sem que exista espaço para o contraditório.

A privatização de um ativo tão importante para a sociedade paranaense deveria ser precedida de um debate amplo com todos os paranaenses, em espaços como sindicatos, associações, etc.

Analisando o documento apresentado pelo presidente da Copel Telecom na Audiência Pública, é possível verificar uma série de contradições, o próprio documento elenca uma série de fatores e indicadores que poderiam (e que podem) ser utilizados como referência para contrapor o processo de privatização da Copel Telecom, consequentemente, mantendo-a como uma empresa pública, tão importante para a sociedade paranaense.

Chama atenção em um dos slides da apresentação que aponta os seguintes dizeres: “Oportunidade única”, ou seja, é colocado pelo representante da empresa, a oportunidade de adquirir uma operadora regional de destaque no mercado brasileiro de fibra. Ainda merecem destaque os seguintes trechos da apresentação, que destacam a importância da Copel Telecom e da relevância do mercado onde ela atua.

- Fundamentos sólidos, impulsionando crescimento significativo de fibra no Brasil.
- Infraestrutura de rede única, de última geração, cobrindo todas as cidades do estado do Paraná.
- Fornecedora de fibra número 1 no Paraná, com participação de aproximadamente 22% do mercado.
- Plataforma pronta para alavancar 1 milhão de *homes passed* e expandir a oferta e a lucratividade de produtos.
- Potencial para destravar valor no segmento 5G.
- Reconhecida como a melhor operadora de banda larga do Brasil, entregando qualidade aos seus cerca de 300 mil clientes, conforme reconhecido pela Pesquisa de Satisfação e Qualidade Percebida da ANATEL. (2019).

Além disso, de acordo com informações apresentadas por representantes da própria empresa, a Copel Telecom com poucos investimentos teria a possibilidade de expandir suas atividades no segmento de fibra, onde ela já atua, pois, haveriam redes já existentes para o atendimento de quase 1 milhão de consumidores (*homes passed*), ganhando espaço no mercado, e ampliando consideravelmente suas receitas.

A Copel Telecom deveria permanecer como empresa pública, portanto, não ser privatizada, pelo contrário deveria ser fortalecida com a realização de novos investimentos

para que ela possa manter e ampliar a sua atuação no mercado de internet por banda larga, em especial no mercado de fibra ótica onde é líder.

Somado a isso, em função das novas tendências de mercado, bem como em decorrência das tecnologias de telecomunicação existentes (e em desenvolvimento), a Copel Telecom poderia expandir suas operações para além do mercado de internet por fibra ótica e de infraestrutura, migrando para os segmentos de telefonia (fixa e móvel) e também de TV por assinatura, ofertando novos serviços. Com esta estratégia poderia incrementar consideravelmente suas receitas, agregando valor aos seus serviços, reduzindo seus custos.

Portanto, parece ser no mínimo contraditório se desfazer de um ativo estratégico como esse, ou seja, os próprios documentos, informações e dados divulgados pela própria empresa servem como referência para a defesa da manutenção da Copel Telecom como empresa pública.

1) Indicadores econômico-financeiros Copel Telecom

A Copel Telecom acumulou R\$ 510,6 milhões em lucro líquido entre os anos de 2010 a 2018 em valores reais¹, sendo que os anos em que a empresa apresentou os montantes mais elevados foram em 2014 e 2015, com valores de R\$ 76,8 milhões e de R\$ 64,7 milhões respectivamente. A Ebtida (*Earnings before interest, taxes, depreciation and amortization*) ou no Português Lajida (Lucros antes de juros, impostos, depreciação e amortização) da Copel Telecom, importante indicador utilizado pelo mercado financeiro, demonstra também os resultados expressivos da empresa, no período de 2010 a 2018 a empresa acumulou o montante de R\$ 1,1 bilhão em valores reais.

- A Receita Bruta tem ficado acima de R\$ 600 milhões e apresentou crescimento de 100,1% na comparação com 2010 (R\$ 283,5 milhões) e tem auferido uma Receita Operacional Líquida de aproximadamente R\$ 500 milhões, que teve aumento de 77% no mesmo período, em ambos os casos em termos reais.

Analisando detalhadamente as demonstrações contábeis da Copel Telecom, observamos que tanto os resultados de 2018 quanto de 2019, em que a empresa teve prejuízo, foram impactados por fatores contábeis e não operacionais, fatores que podemos classificar como sendo “atípicos”, pois se desconsiderássemos os eventos não recorrentes o lucro de 2018 teria sido superior ao auferido, bem como em 2019 a empresa não apresentaria prejuízo.

¹ Os valores nominais encontrados em demonstrações contábeis, documentos, relatórios, entre outros, foram atualizados e corrigidos pela inflação e trazidos a valores presentes de 31 de dezembro de 2019, o índice de correção utilizado como referência foi o IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Amplo) do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Além disso, devemos destacar que apesar das captações feitas pela Copel Telecom no mercado para ampliar seus investimentos nos últimos anos, o seu endividamento tem caído. Em 2016, a relação entre sua dívida líquida e sua Ebitda era de 2,3 vezes, índice que subiu para 2,8 em 2017, reduzindo ligeiramente para 2,7 em 2018, e caindo drasticamente para apenas 1,2 vezes em 2019. Portanto, do ponto de vista econômico-financeiro o baixo índice de endividamento, além dos indicadores positivos da empresa abrem possibilidade inclusive para a expansão da empresa, sem que isso possa comprometer o seu caixa e a sua sustentabilidade.

2) Análise dos investimentos da Copel Telecom

Os investimentos totais realizados pela Copel Telecom acumularam expressivos R\$ 1,7 bilhão em valores reais nos últimos dez anos (2010 a 2019). Os montantes mais elevados de investimentos mensurados ocorreram nos anos de 2018 e 2017, com valores de R\$ 322,7 milhões e de R\$ 260,9 milhões respectivamente.

Ainda que a trajetória dos investimentos tenha apresentado oscilação ao longo do período analisado, notamos que a tendência encontrada foi de crescimento expressivo, principalmente no período recente. Na comparação de 2018 sobre 2010, a elevação dos investimentos foi de 160%, saltando de R\$ 124,2 milhões para R\$ 322,7 milhões. No período compreendido entre os anos de 2014 e 2019 estão concentrados 72,6% dos investimentos realizados pela empresa a partir de 2010, demonstrando claramente uma estratégia de negócios da empresa, de aumento dos investimentos para expansão das suas redes de atendimento e a consequentemente expansão do seu mercado.

Todavia, em 2019, ainda que o investimento tenha atingido quase R\$ 150 milhões, montante superior ao verificado entre os anos de 2010 e 2015, houve uma queda de quase 55% em relação ao despedido em 2018. Provavelmente já indicando uma alteração na política de investimentos da empresa, em decorrência do processo de privatização da empresa.

Os investimentos realizados pela companhia, além de criar uma expressiva rede de telecomunicações no Paraná, carregaram em si tecnologia, conhecimento e outros elementos que foram desenvolvidos e aprimorados pela companhia ao longo de décadas.

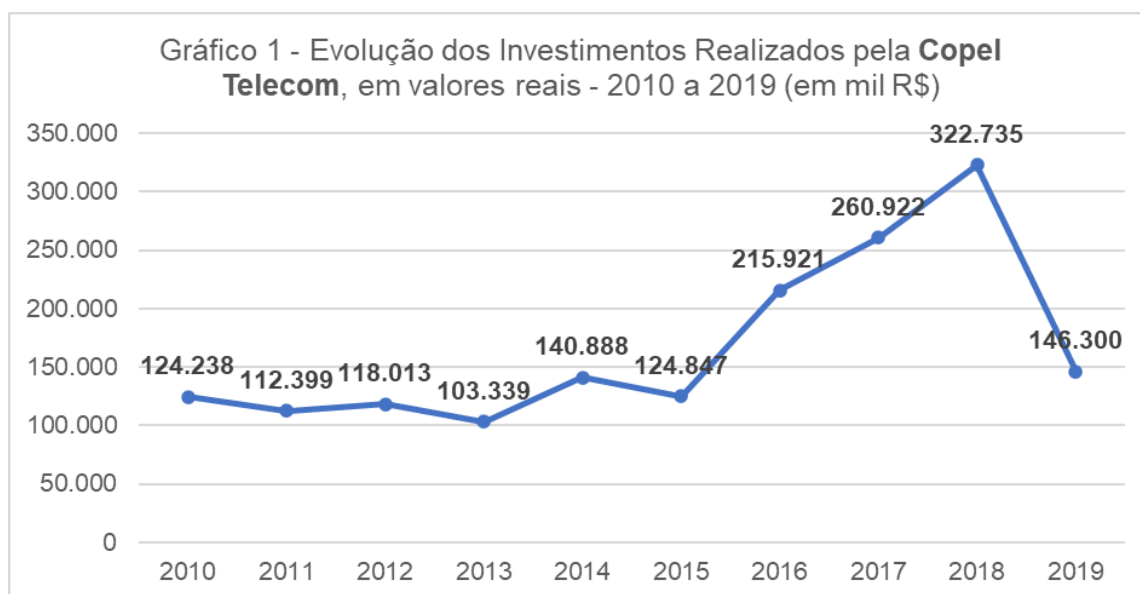
Tabela 1 - Evolução dos Investimentos realizados pela **Copel Telecom**, em valores reais – 2010 a 2019

Em mil R\$

	Investimentos	
	Valor	Variação (%)
2010	124.238	-
2011	112.399	-9,53
2012	118.013	4,99
2013	103.339	-12,43
2014	140.888	36,34
2015	124.847	-11,39
2016	215.921	72,95
2017	260.922	20,84
2018	322.735	23,69
2019	146.300	-54,67
2010 a 2019	1.669.601	-

Fonte: Copel

Elaboração: DIEESE/ER-PR



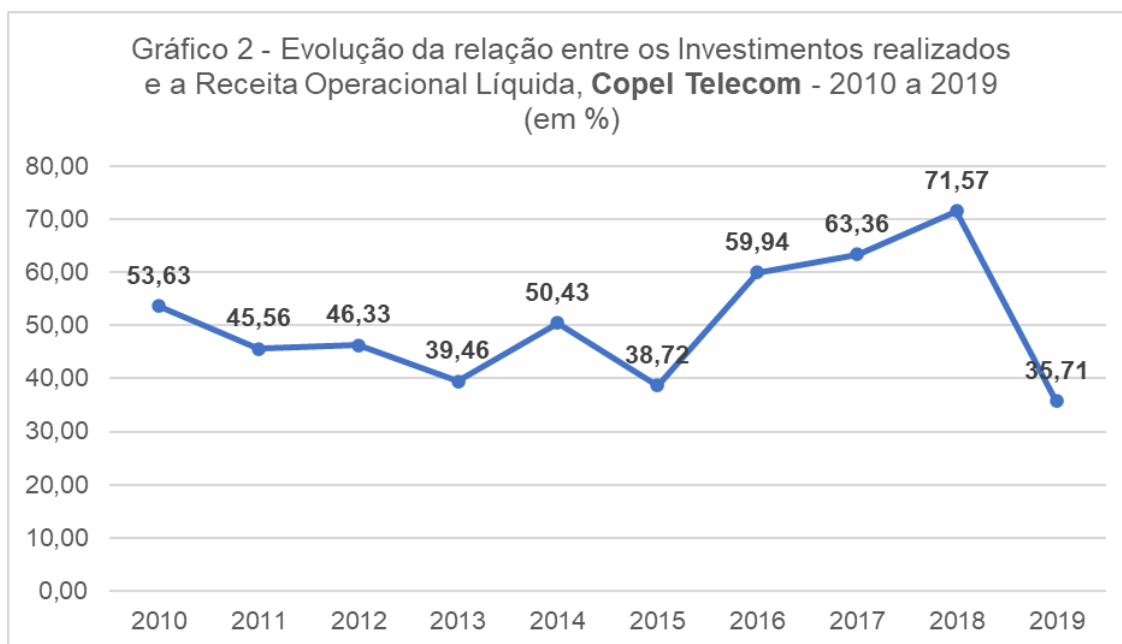
Fonte: Copel

Elaboração: DIEESE/ER-PR

3) Investimentos em telecomunicações e a Copel Telecom

Para realizar o comparativo dos investimentos realizados pela Copel Telecom em relação aos grandes grupos que atuam no setor de telecomunicações, fizemos o levantamento de informações relativas a investimentos realizados e a receita líquida auferida por meio das demonstrações contábeis publicadas.

No período de 2010 a 2019, verificamos que a média de investimentos realizados em relação à receita líquida da Copel Telecom foi de expressivos 52,2%, sendo que em cinco anos dos dez anos analisados o percentual ficou acima de 50%, destaque para o período de 2016 a 2018 no qual a relação anual chegou a atingir 71,57% em 2018, que inclusive foi o ano em que a empresa apresentou o maior montante de investimentos da sua história.



Fonte: Copel

Elaboração: DIEESE/ER-PR

Em relação às informações de investimentos e também da receita líquida dos grandes grupos do setor de telecomunicações, preferimos trabalhar com o período que se inicia em 2012 e que se encerra em 2019, pois, para os anos de 2010 e 2011 tivemos dificuldade para encontrar informações contábeis de algumas empresas, que inclusive apresentavam dados conflitantes e que poderiam influenciar sobre os resultados mensurados.

Desta forma, constatamos que o nível de investimento realizado pelas principais empresas do setor de telecomunicações no país, sejam elas Claro, Oi, TIM e Vivo situaram-se em 23,2% na média do período de 2012 a 2019, o percentual mais elevado de investimentos foi 32,3% observado no ano de 2014, todavia, no ano seguinte este indicador caiu drasticamente, ficando abaixo de 22%, mantendo-se neste patamar até 2017, tendo uma pequena melhoria nos dois anos seguintes, finalizando 2019 em 24,6%.



Fonte: Copel

Elaboração: DIEESE/ER-PR

Além disso, considerando os investimentos realizados pelos principais grupos do setor de telecomunicações que atuam no país em valores reais, observamos que o maior montante realizado por estas empresas ocorreu em 2014 com o montante de R\$ 40,9 bilhões, já em 2019 os investimentos atingiram R\$ 29,1 milhões, desta forma, no ano passado em comparação com o maior montante de investimentos desta série histórica, os investimentos tiveram redução expressiva de quase 30% (28,9%), reduzindo em R\$ 11,8 milhões.

Tabela 2 - Investimentos realizados em valores reais, empresas selecionadas do setor de telecomunicações, Brasil - 2012 a 2019 (em mil R\$)

	Investimentos	Variação (%)
2012	28.832.773	-
2013	26.208.725	-9,10
2014	40.915.444	56,11
2015	31.283.333	-23,54
2016	26.743.967	-14,51
2017	27.224.232	1,80
2018	29.753.280	9,29
2019	29.110.000	-2,16
Total	240.071.755	

Fonte: Demonstrações contábeis das empresas

Elaboração: DIEESE/ER-R



Fonte: Demonstrações contábeis das empresas

Elaboração: DIEESE/ER-PR

Portanto, o nível de investimentos apresentado pela Copel Telecom está muito acima do realizado por outras empresas do setor de telecomunicações, ainda que as empresas tenham atuação em mercados com características e perfis diferentes, inclusive com serviços que agregam valores a suas receitas, o que pode dificultar a realização de comparativos, procuramos elaborar um comparativo por meio das suas receitas para aproximá-las e poder compará-las.

Deste modo, não podemos deixar de destacar, que pelo seu porte e pelo mercado em que atua, a empresa paranaense investe muito mais do que seus potenciais compradores, o que pode ser um ótimo indicativo para afirmar que o maior investimento realizado pela Copel Telecom, em comparação com seus concorrentes resulta na excelência dos serviços prestados para a população paranaense, o que inclusive reflete nas diversas premiações recebidas pela empresa.

Por outro lado, as empresas de telecomunicações no Brasil possuem elevados índices de reclamações nos órgãos de defesa do consumidor, estando entre as empresas mais reclamadas. As tarifas no setor continuam entre as mais altas do mundo, sem falar que os serviços muitas das vezes deixam a desejar.

4) Análise dos investimentos do Grupo Copel Energia

Destacamos ainda, que a manutenção da Copel Telecom sob o controle do Grupo Copel não foi um impeditivo para que o grupo expandisse suas atividades no seu negócio principal, que é o setor elétrico, que se trata de uma das justificativas utilizadas para a defesa do processo de privatização. Nos últimos anos, a Copel inclusive expandiu suas atividades no setor elétrico para fora do estado do Paraná. A empresa que possui mais de 65 anos de história, além do Paraná está presente em mais nove estados brasileiros (Bahia, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Minas Gerais, Rio Grande do Norte e Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo), operando diretamente ou por meio de parcerias nos segmentos de comercialização, geração, transmissão e distribuição, sendo um dos maiores e mais importante grupo do Setor Elétrico Brasileiro (SEB), um dos poucos que ainda permanece sob o controle estatal.

O próprio site da companhia indica que o período que se inicia em 2010, é classificado como de “Expansão”, ou seja, como a palavra já indica, a empresa expandiu suas operações para estados e para segmentos que anteriormente ela não atuava, o que coincide com o período de aumentos dos investimentos no segmento de Telecom. Portanto, o fato de possuir uma empresa de Telecom não foi entrave para que a Copel operar e ampliar suas operações no setor elétrico.

Outro fato que chama a atenção, é que observando as demonstrações contábeis da Copel Telecom, nos períodos em que a empresa ampliou seus investimentos de forma significativa, eles foram precedidos da captação de recursos no mercado financeiro por meio de debêntures, ou seja, os recursos utilizados pela Telecom para ampliação das suas operações não necessariamente se originaram de capital originário da holding, ainda que esta possa ter entrado nos processos como garantidora das emissões de debêntures.

A Copel Telecom realizou três emissões de debêntures nos últimos anos, que ocorreram nos anos de 2015, 2017 e 2019, que totalizaram cerca de R\$ 600 milhões (valor contratado) com longos prazos de vencimento, sendo que entre 2016 e 2018 foi exatamente o período no qual a subsidiária apresentou os maiores níveis de investimentos realizados da sua história, em que se concentram quase metade dos investimentos realizados entre 2010 e 2019.

Considerando o Grupo Copel, excluindo os investimentos da Copel Telecom, observamos que os montantes de investimentos realizados pela Copel entre os anos de 2010 e 2019 foram de expressivos R\$ 25,4 bilhões. Os maiores níveis de investimentos realizados pelo Grupo Copel (já desconsiderando a Copel Telecom), ocorreram entre os anos de 2014 e

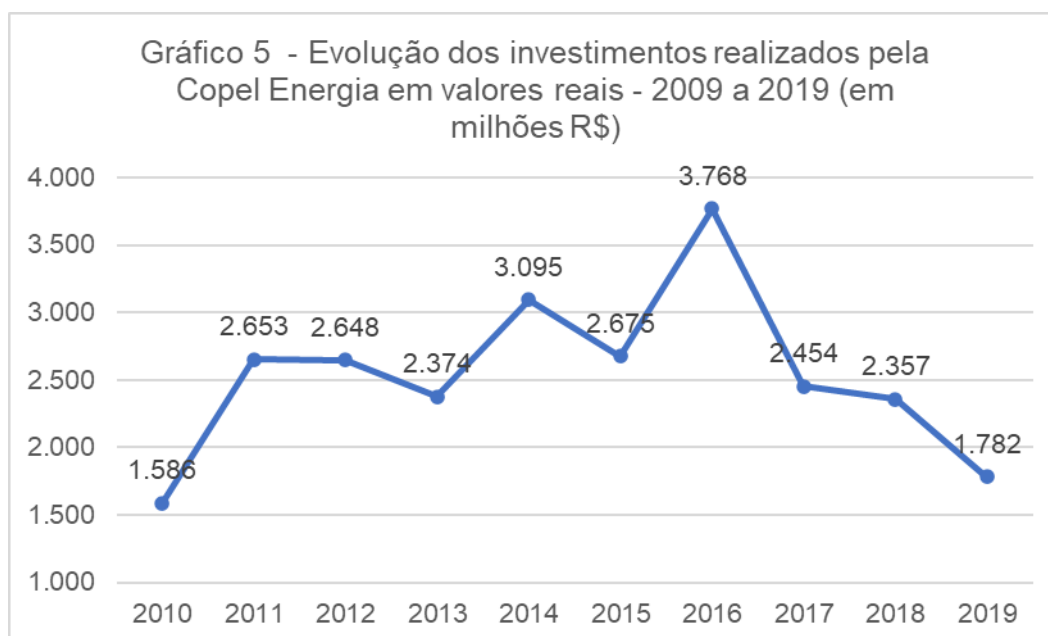
2016, representando quase 40% do total despendido entre 2010 e 2019, destaque para os anos de 2016 e 2014, nos quais os investimentos foram superiores a R\$ 3 bilhões, com valores de R\$ 3,8 bilhões e de R\$ 3,1 bilhões respectivamente.

Tabela 3 - Evolução dos Investimentos realizados pela **Copel Energia** em valores reais - 2010 a 2019 (em mil R\$)

	Investimentos	
	Valor	Variação (%)
2010	1.586.088	-
2011	2.653.326	67,29
2012	2.647.532	-0,22
2013	2.374.282	-10,32
2014	3.094.928	30,35
2015	2.675.481	-13,55
2016	3.767.581	40,82
2017	2.454.142	-34,86
2018	2.356.989	-3,96
2019	1.782.200	-24,39
Acumulado		
2010 a 2019	25.392.549	-

Fonte: Copel

Elaboração: DIEESE/ER-PR



Fonte: Copel

Elaboração: DIEESE/ER-PR

Além disso, para o ano de 2020 estão previstos investimentos da ordem de R\$ 2,1 bilhões pelo Grupo Copel, sendo que 94,1% deste total (R\$ 2,0 bilhões) serão destinados para atividades relacionadas ao setor elétrico.

Portanto, mesmo a Copel mantendo o controle da Copel Telecom, isso não correspondeu a um entrave para que ela pudesse expandir suas atividades no setor elétrico, não somente no Paraná ou mesmo para outros estados do Brasil, nem mesmo restringiu os investimentos, pelo contrário, os investimentos realizados apresentaram a soma de mais de R\$ 25 bilhões em valores reais no período analisado, sem falar que não foi impeditivo para que o lucro líquido crescesse significativamente nos últimos anos, inclusive dobrando no período, chegando a R\$ 2 bilhões em 2019.

O fato dos investimentos passarem a se reduzir a partir de 2017, ao que indica, faz parte de uma decisão estratégica de negócios da empresa e não decorrente de limitações financeiras, inclusive manifestada por representantes do grupo, em que a companhia inclusive reduziria sua participação em empreendimentos em outros estados, portanto, diminuindo a necessidade de novos investimentos. Pois, quando do exame minucioso dos indicadores econômico-financeiros do grupo, não encontramos qualquer problema, pelo contrário, os indicadores apresentados pela empresa são muito robustos e apresentaram melhoria nos últimos, inclusive o índice de endividamento líquido em relação ao Patrimônio Líquido pouco se alterou nos últimos anos, portanto, possuindo margem para eventuais expansões.

4.1) Investimentos x Nova Política de Distribuição de Dividendos

Além disso, a partir de 2011 a Copel (Grupo) alterou a sua política de distribuição de proventos (Dividendos e Juros Sobre o Capital Próprio) para os acionistas, até o ano de 2010 a empresa distribuía para os acionistas o equivalente a 25% do seu lucro líquido como determina a legislação. No entanto, já em 2011 este percentual subiu para 36,8% do lucro líquido ajustado, subindo novamente em 2012 para 38,1%, passando para 50% entre os anos de 2013 e 2014, reduzindo em 2015 para 27%, voltando a subir em 2016 para mais de 50% e novamente caindo nos anos seguintes. Em 2019 foram distribuídos R\$ 643,0 milhões para os acionistas, o que foi equivalente a 32,9% do lucro líquido ajustado.

Ou seja, os acionistas ganharam de duas formas, primeiro com o aumento da lucratividade, e segundo com a elevação do percentual do lucro a ser distribuído, que tem ficado muito acima dos 25%, em muitos anos atingindo ou até sendo superior a 50% do lucro líquido ajustado.

No período de 2011 a 2019, o montante de proventos distribuídos para os acionistas (em valores reais) foi de R\$ 5,0 bilhões, neste ponto não podemos deixar de considerar que o Estado do Paraná não possui nenhuma ação preferencial da Copel e que detém apenas 31,0% do capital total da companhia, além disso, devemos considerar que importante parcela das ações da Copel, principalmente as preferenciais estão custodiadas na B3 e na Bolsa de Valores de Nova Iorque, sob o controle de acionistas nacionais e internacionais.

Estranhamente, este ponto relacionado à distribuição de dividendos, que sim, efetivamente retira recursos importantes do caixa da empresa, não é classificado como um entrave ou um problema grave para a saúde financeira ou ainda sobre o potencial de investimentos a serem realizados pela empresa e praticamente não recebe críticas. Considerando que se a empresa tivesse distribuído apenas 25% do lucro líquido ajustado, que é o mínimo legal, os proventos destinados aos acionistas teriam sido de R\$ 3,3 bilhões, ou seja, R\$ 1,7 bilhão ao menos do que foi efetivamente distribuído, em resumo o valor de R\$ 1,7 bilhão teria ficado no caixa da empresa, que poderiam ter sido utilizados para diversas finalidades, inclusive para mais investimentos, mas que foram parar majoritariamente nas mãos dos acionistas nacionais e internacionais e não foram revertidos para a melhoria dos serviços para a sociedade, sendo que a diferença acumulada entre 2011 e 2019 é equivalente ao que foi investido pela companhia em determinados anos do período analisado.

Tabela 4 - Proventos Pagos (JSCP e Dividendos) e Proventos calculados em 25% do Lucro Líquido Ajustado, do **Grupo Copel**, em valores reais - 2011 a 2019

	Proventos Pagos	25% sobre o LLA
2011	658.276	447.258
2012	396.656	260.605
2013	781.717	377.567
2014	815.865	407.932
2015	386.998	362.236
2016	563.993	281.996
2017	313.194	285.054
2018	394.857	366.075
2019	643.000	489.169
Acumulado		
2011 a 2019	4.954.555	3.277.893

Fonte: Copel

Elaboração: DIEESE/ER-PR

Devemos destacar que as empresas estatais como são os casos de Copel e Sanepar, ainda que tenham parte relevante das suas ações negociadas em Bolsa de Valores, em que o Estado do Paraná continua sendo o maior acionista e também controlador, deveriam prezar não somente pela prestação de um serviço de qualidade, mas também buscar uma tarifa justa para os seus consumidores. Todavia, observamos que as tarifas de energia elétrica e também de água e esgoto subiram muito mais do que a inflação nos últimos anos, penalizando principalmente a população mais pobre. Parece que o principal objetivo das empresas é somente aumentar suas receitas e lucros para consequentemente ampliar os dividendos distribuídos para os acionistas.

Por fim, observamos que a principal justificativa utilizada pelos defensores do processo de privatização da Copel Telecom é de que a venda deste ativo levará a melhoria do caixa do Grupo Copel, e que resultará na alavancagem dos investimentos no setor de energia. Todavia, isso pode não ocorrer, já que conforme manifestações de analistas de mercado²³, a melhoria das condições econômico-financeira do Grupo Copel resultará em redução dos índices de endividamento, o que provavelmente abrirá espaço para o grupo elevar o percentual de distribuição de dividendos para 50% do lucro líquido, tornando-a mais atrativa para o mercado financeiro.

Em resumo, além de perder um ativo importante, a privatização da Copel Telecom pode não resultar em aumento dos investimentos por parte da Copel Energia, mas pode sim resultar somente em mais dividendos para os acionistas.

5) Síntese – Mercado de telecomunicações no Brasil

O Panorama Setorial de Telecomunicações referente ao mês de julho de 2020⁴ divulgado pela Anatel, indica que os segmentos telefonia móvel, telefonia fixa e também de TV por assinatura, são controlados por grandes grupos. Na telefonia móvel, por exemplo, a empresa que possui a maior participação de mercado é a Vivo, com 33,22% do total, os grandes grupos, Vivo, Claro, TIM e OI concentram 97% do mercado.

Ou seja, nestes três segmentos da área de telecomunicações é possível observar que o mercado é altamente concentrado, controlado por poucos grupos econômicos, inclusive com participação expressiva do capital internacional, é caracterizando por uma estrutura de mercado de oligopólio, que apresenta baixo nível de concorrência influenciando o tipo de

² Disponível em: <https://br.reuters.com/article/idBRKBN22X1IA-OBRBS>

³ Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/stock-pickers/copel-energia-de-sobra-para-brilhar-na-bolsa/>

⁴ Disponível em: <https://www.anatel.gov.br/dados/relatorios-de-acompanhamento/2020>

serviços prestados, bem como os preços e as tarifas dos mesmos, o que limita as possibilidades de escolhas dos prestadores de serviços por parte dos consumidores, além disso, acarreta na maioria das situações em despesas que comprometem significativamente o poder aquisitivo da população.

5) A importância dos prestadores de serviços regionais

No segmento de banda larga fixa, ainda que os grandes grupos possuam participação relevante no mercado, os prestadores de serviços que possuem a maior participação relativa são os prestadores regionais/locais com 37,41% do total em julho de 2020, seguidos por Claro (28,63%), Vivo (19,34%) e OI (14,63%). Observa-se que os provedores locais e/ou regionais tem ganhado participação nos últimos anos, neste mercado que possui 34,2 milhões de acessos, realizando um comparativo somente no período mais recente, ou seja, entre os dados de julho de 2020 em relação aos dados do final de 2019, foi possível mensurar que participação destes provedores passou de 32,9% para 37,4%, demonstrando desta forma o importante papel desempenhado por estes prestadores de serviços e a perda de mercado por parte dos grandes grupos.

Deste modo, constata-se que o mercado de banda larga fixa é dominado por operadores regionais/locais, como é o caso da própria Copel Telecom que possui participação relevante no estado. No Paraná haviam 2,5 milhões de acessos de banda largo no final de agosto⁵, também observamos o predomínio de operadores regionais, a Copel com 296,0 mil acessos possuía 12% do mercado, junto com outros prestadores (30,6%) foram responsáveis por 42,6% do mercado em agosto. No mercado específico de fibra ótica a companhia paranaense tem participação de 22%, liderando com folga este segmento, o segundo colocado possui 12%. Segundo informações da própria empresa, em cidades importantes do Paraná, como Ponta Grossa, Curitiba e Maringá, a participação de mercado é expressiva, sendo de 46,6%, 41,9% e de 28,9%, respectivamente.

Portanto, o argumento que preconiza que o mercado está em consolidação e em um processo de concentração, parece não encontrar respaldo quando do exame dos dados e das características reais deste segmento de telecomunicações. Os prestadores de serviços regionais/locais não somente possuem a maior parcela do mercado, mas também tem apresentado forte expansão nos últimos anos, inclusive ganharam ainda mais espaço durante o

⁵ Disponível em: <https://www.anatel.gov.br/paineis/acessos>

período de pandemia, o que deve se manter, e possivelmente, se aprofundar nos próximos anos.

6) Contexto internacional do setor de telecomunicações

6.1) O Setor de telecomunicações no mundo

A revista norte-americana Fortune, importante referência internacional na área de negócios, publica regularmente suas reconhecidas listas de classificações para diversas áreas, entre as quais destacamos a “Fortune Global 500”⁶, que apresenta as 500 maiores empresas do mundo por tamanho da receita total anual. No presente estudo utilizaremos como referência a lista citada para verificar a situação das empresas telecomunicações. Dentre os dez maiores grupos econômicos do setor de telecomunicações, quatro são grupos que possuem participação de governos nacionais em sua composição acionária, inclusive na figura de controladores.

Na terceira posição da classificação está o grupo Nippon Telegraph and Telephone (NTT), empresa de capital aberto com ações listadas na Bolsa de Valores de Tóquio, no qual o seu controlador, o governo japonês, detém 32,36% do total das suas ações. A NTT é líder do setor de telecomunicações no país asiático e também em vários países, além disso, ela está presente em mais de 70 países, com uma rede que cobre mais de 190 países do mundo.

Recentemente, no final do mês de setembro deste ano, em um negócio de aproximadamente US\$ 38 bilhões de dólares, a NTT assumiu o controle total da sua operadora de telefonia móvel NTT Docomo (que detém quase metade do mercado de telefonia no Japão), comprando 34% das ações da operadora que ainda estavam no mercado, retirando-a da Bolsa de Valores de Tóquio.

Os grupos classificados na quinta e na oitava posição respectivamente, que são os conglomerados China Mobile Communications e China Telecommunications que possuem participação expressiva do governo chinês, que se situam em torno de 70% do capital total. A China Mobile é líder nos serviços de telecomunicações na China, possuindo a maior rede e base de clientes do mundo, atuando em segmentos de voz e dados móveis, banda larga e outros serviços. Possuindo 950 milhões de clientes móveis e 187 milhões de clientes de banda larga fixa

⁶ Disponível em: <https://fortune.com/global500/search/>

A China Telecommunications fornece serviços de telecomunicações fixas e móveis, serviços de acesso a internet, entre outros. No final de 2019 tinha 336 milhões de assinantes móveis e 156 milhões de assinantes de banda larga.

Na sétima posição está o grupo Deutsche Telekom, o estado alemão possui 31,9% das ações do grupo, sendo 14,5% diretamente e mais 17,4% através do KfW Bankengruppe (Banco estatal de desenvolvimento da Alemanha). A DT é o maior grupo de telecomunicações da Europa, estando presente em diversos países do mundo.

Tabela 1 - Lista das maiores empresas por tamanho da Receita Total, mundo - 2020
em milhões US\$

Posição no Ranking		Empresa	Receita Total (em milhões US\$)
Geral	Telecomunicações		
22	1	AT&T	181.193
44	2	Verizon Communications	131.868
		Nippon Telegraph and	
62	3	Telephone	109.448
63	4	Comcast	108.942
65	5	China Mobile Communications	108.527
86	6	Deutsche Telekom	90.135
94	7	SoftBank Group	87.440
158	8	China Telecommunications	67.365
201	9	Telefónica	54.197
209	10	América Móvil	52.323

Fonte: Fortune Global 500

Elaboração: DIEESE-PR

Observamos que o setor de telecomunicações no mundo é dominado por companhias de capital aberto, com ações listadas em bolsas de valores em seus respectivos países de origem. Ainda que o capital privado tenha importante participação sobre a composição acionária de diversas empresas de telecomunicações, principalmente o capital financeiro, por meio de fundos de investimentos, grandes conglomerados de gestão de recursos e de ativos, grandes bancos multinacionais, entre outros, diversos estados nacionais ainda possuem participação relevante nestas empresas, que são consideradas como sendo estratégicas para o desenvolvimento dos países.

Os governos nacionais de diversos países, inclusive os desenvolvidos, por meio direto ou mesmo indiretamente, ainda mantém participação significativa sobre o controle das empresas do setor de telecomunicações, inclusive no papel de destaque como controladores das companhias, ou ainda, como seus acionistas majoritários. Na Europa, além da Alemanha

que já foi citada por este estudo, em países como Bélgica (Maximus), Croácia (DT), Eslováquia (DT), Estônia (Telia), Finlândia (Telia), Grécia (DT), Hungria (DT), Noruega (Telenor), Rússia (Rostelecom), Suíça (Swisscom), Suécia (Telia), entre outro, as empresas líderes do segmento de telecomunicações possuem composição acionária expressiva do governo (inclusive em algumas situações superiores a 51%), ou ainda são administradas por empresas de outros países em que o Estado ainda possui participação acionária (a exemplo da Deutsche Telekom que é líder em telecomunicações em diversos países).

Na Ásia, além da China e Japão que foram citados no estudo, em outros países relevantes daquele continente, é possível encontrar companhias em que os estados nacionais possuem importante participação acionária. Em Cingapura (Singtel) e na Malásia (Telekom Malaysia) a principal empresa destes países é administrada por fundos soberanos nacionais. Na Coreia do Sul (KT Corporation), ainda que o governo não seja o acionista majoritário, através de uma participação de 12% de um Fundo de Pensão, ele é maior acionista, possuindo participação relevante sobre as decisões de negócios da empresa. Na Indonésia (Telekomukasi Indonesia) a participação sobre a principal da empresa de telecomunicações do país, que também é líder no segmento, é de 52%, já na Tailândia (CAT Telecom) a participação estatal é de 100%.

No Oriente Médio entre as empresas líderes do segmento de telecomunicações, também predominam a participação estatal, na Arábia Saudita (Saudi Telecom Company), no Catar (OOREDOO), nos Emirados Árabes Unidos (Emirates Telecommunications) e em Omã (Oman Telecommunications), as principais empresas de seus respectivos países são administradas por fundos ou companhias de investimentos em que o governo detém a maioria das ações, na Arábia Saudita, por exemplo, esta participação chega a 70%.

6.2) Estatizações no setor de telecomunicações no mundo

Em maio de 2020, foi publicado pelo Instituto Transnacional (TNI) o estudo *The Future is Public, Towards Democratic Ownership of Public Services*⁷ que apresenta um levantamento de 1.408 casos bem-sucedidos de re-municipalização e de municipalização/criação de serviços públicos em diversos setores de atividade econômica, envolvendo 2.400 cidades em 58 países no período de 2000 a 2019, com destaque para as ocorrências em países desenvolvidos.

⁷ Disponível em: <https://www.tni.org/en/futureispublic>

Os casos de remunicipalização totalizaram 924 (65,6% do total), enquanto que os casos municipalização e/ou de criação de serviços públicos foram de 484 (34,4% do total). Os países em que mais ocorreram casos foram: Alemanha (411 – 29,2%), Estados Unidos (230 – 16,3%), França (156 – 11,1%), Espanha (119 – 8,5%), e Reino Unido (110 – 7,8%), juntos estes cinco países representaram 73% dos casos mensurados no mundo.

No setor de telecomunicações foram mensurados 192 casos, representando 13,6% do total, o que colocou o setor na quarta posição entre as atividades econômicas com maior ocorrência de retorno dos serviços para a gestão do serviço público, atrás somente dos setores de energia (374 - 26,6%), água (311 - 22,1%), e de prestação de serviços pelo governo local (223 - 15,8%), no qual estão incluídos serviços como de habitação, alimentação, manutenção de áreas verdes, entre outros.

A observação mais detalhada das informações nos indica que dos 192 casos encontrados nas telecomunicações, 145 (75,5%) ocorreram nos Estados Unidos e 35 (18,2%) na Alemanha, países nos quais estão concentrados 94% dos casos. Sendo que nos Estados Unidos os casos de reestatização nas telecomunicações representaram 63,0% do total de casos verificados no país norte americano. Entre as principais justificativas para a retomada dos serviços pelo poder público estão: a dificuldade de acesso a serviços de telecomunicações em cidades menores, mais distantes e também de menor renda; serviços caros e de baixa qualidade; um setor de telecomunicações altamente concentrado e dominado por poucas empresas, marcados pelos baixos níveis de concorrência; e a busca pela melhoria na qualidade dos serviços e um controle mais democrático.

No mapa abaixo é possível observar os casos de re (municipalizações) em todo o mundo.



ESCRITÓRIO REGIONAL DO PARANÁ – DIEESE

DIREÇÃO SINDICAL: André Luis Figel (SISMUC), Antônio Carlos da Silva (Sindipetro PR-SC), Célio das Neves (SINTRAFUCARB), Kelson Moraes Matos (FETEC-PR), Pablo Sérgio Mereles Diaz (Sind. dos Bancários de Curitiba), Paula Zarth Padilha (Sindijor PR), Paulo Roberto dos Santos Pissinini Junior (Sind. dos Metalúrgicos da Grande Curitiba), Valter Fanini (Sind. dos Engenheiros do Paraná).

EQUIPE TÉCNICA RESPONSÁVEL:

Fabiano Camargo da Silva – Economista e Técnico do DIEESE/PR

REVISÃO:

Sandro Silva – Economista e Supervisor Técnico do DIEESE/PR